

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA MICROCONSTRUÇÃO  
INTENSIFICADORA [[X] À REVERIA] NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

*THE FORMATION PROCESS OF THE INTENSIFYING  
MICROCONSTRUCTION [[X] À REVERIA] IN BRAZILIAN  
PORTUGUESE*

Vanessa PAPALARDO<sup>1</sup>

**RESUMO:** A pesquisa visa examinar o processo de formação da microconstrução intensificadora [[X] à reveria] no português brasileiro, instanciada pelo subesquema construcional [[X] Prep N], fundamentando-se nos princípios teóricos da Abordagem Construcional, conforme Traugott e Trousdale(2013) e Bybee (2010). A proposta é identificar as motivações formais e funcionais que embasam a escolha do falante por esse tipo de construção, além de identificar o tipo de elemento modificado/intensificado e analisar se o valor semântico-pragmático é predominantemente positivo ou negativo, bem como determinar o grau de composicionalidade da construção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística cognitiva; À reveria; Abordagem construcional.

**ABSTRACT:** The research aims to examine the formation process of the intensifying microconstruction [[X] à reveria] in Brazilian Portuguese, instantiated by the constructional subscheme [[X] Prep N], based on the theoretical principles of the Constructional Approach, according to Traugott and Trousdale (2013) and Bybee (2010). The proposal is to identify the formal and functional motivations that underlie the speaker's choice of this type of construction, in addition to identifying the type of modified/intensified element and analyzing whether the semantic-pragmatic value is predominantly positive or negative, as well as determining the degree of construction composition.

**KEYWORDS:** Cognitive linguistics; A reveria; Constructional approach.

## **1 Introdução**

As gramáticas das línguas estão sujeitas a processos de mudanças linguísticas, que ocorrem de forma gradual. Bybee (2010) ilustra essa ideia com a metáfora das dunas de areia, que estão sempre em movimento devido ao deslocamento provocado pelo vento. Assim como as dunas mudam de posição de forma gradual, as gramáticas também se transformam lentamente, refletindo mudanças ao longo do tempo. Essas alterações são impulsionadas pela necessidade comunicativa dos falantes, dependendo

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras, na Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, IBILCE, Câmpus de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. Orientador: Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, Bolsista do PICIC (processo n. 12003). E-mail: vanessa.papalardo@unesp.br

do contexto social, e são moldadas por padrões de forma e significado que evoluem de maneira gradual e variada.

Além da metáfora proposta por Bybee, é possível utilizar uma metáfora mais acessível ao contexto brasileiro: o fenômeno da erosão marítima. Nesse processo, as ondas do mar desgastam e transportam as rochas, resultando em um processo de sedimentação ao longo do tempo. Da mesma forma, as gramáticas das línguas não mudam de maneira abrupta, mas sim por meio de um processo lento e contínuo de modificação, de acordo com suas necessidades.

Essas mudanças, que ocorrem nas gramáticas das línguas, são impulsionadas pela necessidade dos falantes de criar novas formas e combinações a partir de modelos existentes, para expressar ou intensificar o que desejam comunicar. A microconstrução intensificadora [[x] à reveria], por exemplo, é uma forma eficaz de atingir essa precisão comunicativa.

Ressalta-se o fato de que a microconstrução [à revelia], muito parecida com a construção que aqui será investigada, não constitui um caso de variação da construção [[x] à reveria], já que a primeira é muito recorrente no campo do Direito como ausência de contestação ou defesa de uma citação. Para esta pesquisa, também não serão considerados os casos em que o falante utilizou a construção [à revelia] como equivalente (com o mesmo significado) da construção [à reveria].

Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar a microconstrução intensificadora [[X] à reveria] no português brasileiro, instanciada pelo subesquema construcional [[X] Prep + N], a partir dos pressupostos teóricos da Abordagem Construcional (Traugott e Trousdale, 2013; Bybee, 2010, etc), considerando os seguintes objetivos específicos: a) verificar motivações formais e funcionais que legitimam e explicam a escolha do falante por uma microconstrução perifrástica no lugar de uma microconstrução simples para indicar a noção de intensificação no português brasileiro, sob a perspectiva de Silva (2006, 2008), Lima-Hernandes (2009), Costa (2010), Neves (2011) e Scaldelai-Salles e Souza (2020a); b) identificar o tipo de elemento modificado/intensificado pela microconstrução perifrástica [[X] à reveria], representado pelo slot [x], como: verbo, adjetivo, advérbio, nome, estado-de-coisas (junção de verbo + o predicado); c) analisar se o valor semântico-pragmático expresso pela microconstrução é de natureza positiva (valorativa) ou negativa (pejorativa/depreciativa); e, por fim, d) analisar o processo de formação da microconstrução intensificadora [[X] à reveria] no português brasileiro em relação às propriedades de esquematicidade, composicionalidade e produtividade.

## 2 Abordagem construcional

O referencial teórico utilizado nesta pesquisa para analisar o processo de formação da microconstrução [[X] à reveria] mobiliza pressupostos teóricos da abordagem construcional da linguagem, em especial os conceitos de mudança construcional e construcionalização, conforme discutido por Traugott e Trousdale (2010, 2013). No âmbito dessa perspectiva teórica, a gradualidade é captada pelos micropassos de mudança, no sentido de que as mudanças ocorrem em múltiplas dimensões, de forma gradual e fragmentada. Essa abordagem permite uma análise detalhada do fenômeno da variação linguística, possibilitando a visualização da interface entre variação e mudança.

Como a língua está em constante transformação, ela se adapta às novas exigências comunicativas por meio de modificações nas formas linguísticas que gradualmente se espalham por diversas comunidades de uso, atingindo níveis variados de automatização, desde os mais generalizados até os mais específicos. Nesse contexto, segundo Traugott e Trousdale (2013), a mudança construcional ocorre quando ela afeta apenas a forma ou apenas o significado de uma dada construção. No entanto, quando a mudança afeta a forma e o significado ao mesmo tempo, tem-se aí, conforme assinalam os autores, um caso de construcionalização.

As novas construções que formam a partir do processo de construcionalização passam a constituir, portanto, novos “nós” na gramática da língua, cujas relações entre elas se dão a partir de uma organização hierárquica, em termos de esquema, subesquema e microconstrução, e também em termos do tipo de relação parental que cada conjunto de construções estabelece com tantos outros conjuntos de construções. Em outras palavras, isso quer dizer que essas construções não constituem um emaranhado aleatório de construções, pelo contrário, com base na abordagem construcional, as velhas e as novas construções se organizam em uma língua a partir das relações parentais (próximas ou mais distantes) que elas mantêm entre si.

O processo de formação de novas construções pode envolver, segundo Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013), vários processos cognitivos, como categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogização e associações transmodais. No domínio específico da linguagem, a **categorização** acontece quando palavras, sintagmas ou suas partes são identificadas e conectadas a representações já armazenadas na mente. Por exemplo, ao ouvirmos a palavra “cachorro”, imediatamente a associamos a um conceito mental pré-existente de um animal de quatro patas, domesticado, geralmente utilizado como companhia. Esse processo envolve o reconhecimento de padrões com base na semelhança, o que nos permite agrupar termos sob categorias mais amplas, como “animais”, “mamíferos” ou “pets”.

O processo de **chunking** consiste, segundo Bybee (2006, 2010), em agrupar elementos linguísticos repetidos em sequências que passam a ser tratadas como unidades únicas na mente. Por exemplo, expressões como “bom dia” ou “como vai?” são frequentemente usadas em conjunto, e nossa cognição as reconhece como uma única entidade, em vez de processar cada sintagma isoladamente. Isso também acontece com formas como “não é?” no final de uma frase, que se torna uma expressão

formulaica em interações cotidianas. Essas sequências podem variar em complexidade e na facilidade com que podem ser analisadas e decompostas em partes menores.

A *memória enriquecida*, por sua vez, está relacionada à nossa capacidade de armazenar detalhes específicos das experiências com a língua. Isso inclui desde características fonéticas de palavras e frases, como a pronúncia do “s” em diferentes contextos, até os significados e as inferências que extraímos ao ouvir uma determinada expressão, como o tom de sarcasmo em “que interessante...”. Nossa memória para formas linguísticas é construída com base na repetição dessas experiências. Por exemplo, ao ouvir a palavra “mesa” em diversos contextos, nossa mente cria uma representação detalhada não apenas da palavra em si, mas também de suas variações contextuais. Cada nova experiência contribui para aprimorar essa representação.

No campo da linguagem, a analogia representa um processo cognitivo importante, uma vez que é por meio dela que a linguagem evolui e se adapta às diferentes necessidades comunicativas, que ocorrem quando usamos padrões linguísticos anteriores para criar enunciados. Por exemplo, se aprendemos a dizer “ela canta bem”, podemos criar a frase “ele dança bem” seguindo um padrão similar. Esse processo permite a criação de novas frases baseadas em estruturas conhecidas, promovendo a inovação e a flexibilidade linguística.

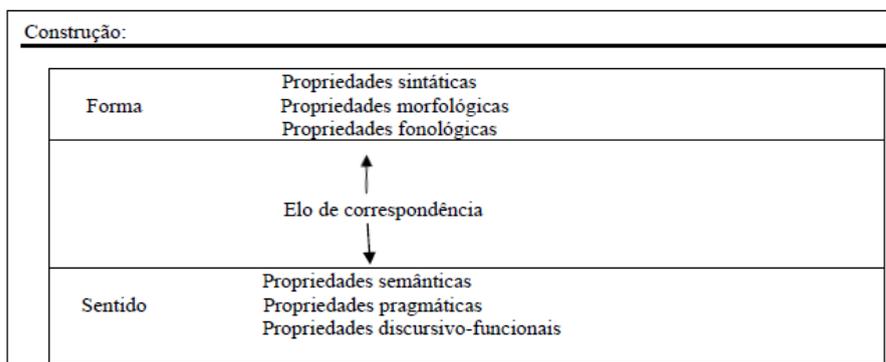
Por fim, a *associação transmodal* é o mecanismo que conecta significado e forma na linguagem. Um exemplo desse fenômeno pode ser observado nos adjetivos que adquirem função adverbial, como em: “Ela correu rápido para o ponto de ônibus”. Nesse caso, a palavra “rápido”, que originalmente funciona como um adjetivo, passou a ser utilizada como advérbio de modo, com o significado de “rapidamente”, modificando o verbo “correu” (ela correu com velocidade). Nessa situação, há uma mudança na função da palavra, que deixa de qualificar substantivos e passa a modificar verbos, além de uma alteração no significado, em que o conceito de rapidez, originalmente aplicado a objetos ou pessoas, passa a expressar intensidade e velocidade, escopando/modificando, dessa forma, estruturas verbais.

As novas construções que emergem na língua ou que são remodeladas a partir de estruturas já existentes na gramática representam, portanto, novos pareamentos simbólicos de forma e significado, ou seja, um novo significado se liga a uma nova forma ou um novo significado se liga a uma forma já existente na língua. Uma construção individual, utilizada por um único falante, só ganha o estatuto de inovadora a partir do momento em que ela se estende para outros usuários da língua e passa a ser usada em outros contextos de uso.

Para a abordagem construcional, a construção é, portanto, definida como um pareamento de forma (que inclui as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas) e significado (que inclui as propriedades semânticas, pragmáticas e propriedades discursivo-funcionais), sendo ambas as dimensões interligadas por um elo de correspondência simbólica. O quadro a seguir, retirado e adaptado de Croft (2001), ilustra o modelo de construção:

Quadro 1 — Correspondência entre traços formais e funcionais da construção

Quadro 1 – Correspondência entre traços semânticos e sintáticos na construção



Fonte: Croft (2001, p.18, tradução nossa.)

Fonte: Croft (2001, p. 18)

Neste esquema (1) apresentado por Croft (2001), a proposta detalha e equilibra os eixos da forma e do significado, demonstrando uma correlação entre forma e função que diverge de uma abordagem unidirecional. No lugar de uma relação linear, a proposta estabelece uma relação bidimensional entre forma e significado (função/forma), em que ambas as dimensões da construção motivam usos e são por eles impactadas, o que justifica as escolhas dos falantes em determinadas expressões, palavras ou microconstruções.

## 2.1 Formações construcionais

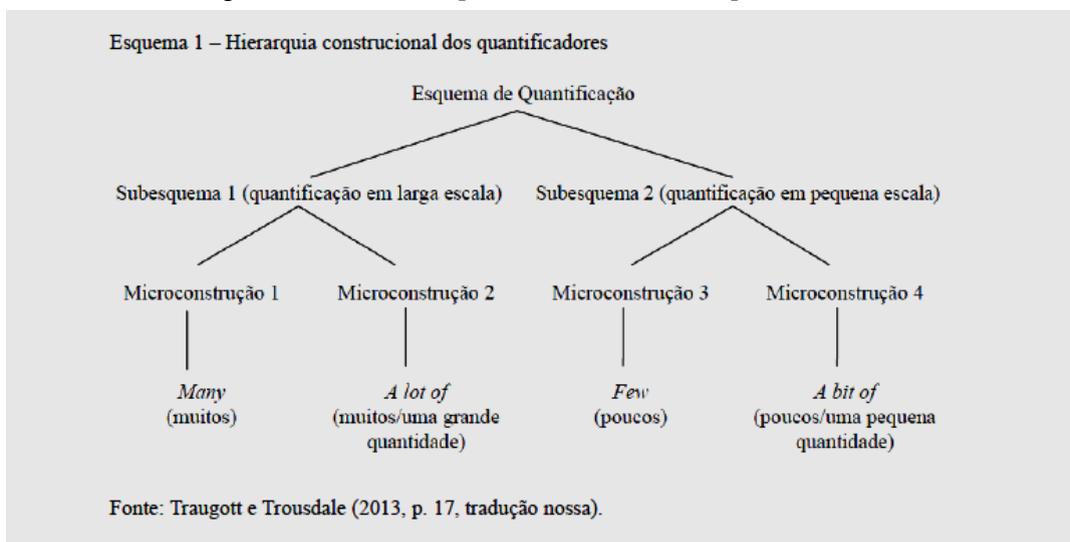
Na abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013), a mudança linguística é compreendida como um processo dinâmico que envolve a remodelação de construções dentro de uma rede construcional. Por serem entendidas como pares de forma-significado que se organizam em níveis de esquematicidade (abstração), as construções podem ser afetadas pela mudança linguística em qualquer um desses níveis. Essas mudanças podem afetar apenas a forma ou apenas o significado (ou as duas dimensões ao mesmo tempo). O processo de mudança, segundo os autores, é gradual e é motivado pelas necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, refletindo tanto inovações quanto reanálises de padrões linguísticos.

A esquematicidade, segundo Traugott e Trousdale (2013), envolve a abstração e é uma propriedade categórica essencial para a noção de rede construcional. Esquemas correspondem a macroconstruções, enquanto subesquemas se referem a microconstruções. No nível das microconstruções, encontramos construções já convencionalizadas e produtivas na língua. O subesquema agrupa construções similares entre essas unidades convencionais, enquanto o esquema, de natureza mais abstrata, abrange construções mais genéricas na rede construcional.

Essas construções são constituídas por *slots* esquemáticos, ou seja, elas podem ser definidas como esquemáticas (como SVO), parcialmente esquemáticas (X-mente) ou específicas (substantivas, como é o caso de expressões idiomáticas, que não podem ser alteradas). Traugott e Trousdale (2013) ilustram esse processo no esquema abaixo,

mostrando como as microconstruções emergem a partir de subesquemas e esquemas maiores:

Esquema 2 — Hierarquia construcional dos quantificadores



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 17)

Como demonstrado no esquema de Traugott e Trousdale (2013), o processo de construcionalização ocorre por meio de um processo de hierarquização das relações, em que um esquema pode dar origem a um subesquema, que, por sua vez, pode gerar várias microconstruções. O exemplo acima trata da esquematização e da hierarquização dos subesquemas e microconstruções de quantificação (de larga e de pequena escala). Trata-se de um esquema construcional, que se relaciona em um dado momento com o esquema de intensificação, o que explica muitas vezes o fato de a quantificação aparecer como categoria cognitiva de base para a formação de vários tipos de construções intensificadoras.

De acordo com o esquema (2), de Traugott e Trousdale (2013), sobre a produção de microconstruções, podemos afirmar, com base em Goldberg (1995), que a motivação é uma possível explicação para o surgimento de um determinado pareamento de forma e significação na língua, isso porque as construções se inter-relacionam nas redes construcionais que compõem a gramática de uma língua. Nesse caso, a motivação dos falantes leva a processos de mudança na língua, e, conseqüentemente, a adaptações que geram subesquemas e microconstruções.

Pensando em entender como essas construções se relacionam e se organizam, Goldberg (1995) propõe quatro tipos de elos por herança para a rede construcional: link por polissemia, link por extensão metafórica, link por subparte e link por instanciação, quais sejam:

- a) links por polissemia “capturam a natureza da relação semântica entre um sentido particular de uma construção e qualquer extensão desse sentido”;
- b) links por extensão metafórica ocorre “quando duas construções se relacionam por um mapeamento metafórico;
- c) links por subparte “ocorrem quando uma construção é uma subparte própria de outra construção que existe

independentemente”; d) links por instanciação: “ocorrem quando uma determinada construção é um caso especial de outra construção; isto é, um link por instanciação existe entre construções se uma construção é uma versão mais especificamente completa da outra” (Goldberg, 1995, p. 79).

Em relação à produtividade, Traugott e Trousdale (2013) explicam que ela se refere à extensibilidade ou restrição do(s) (sub)esquema(s) a que uma construção está relacionada. Ou seja, quanto maior o número de microconstruções que um (sub)esquema licenciar, mais produtivo ele será considerado. Além disso, a produtividade também está relacionada à frequência, que, por sua vez, está ligada ao processo de rotinização e automatização dos processos linguísticos. Segundo Bybee (2003, 2006, 2011), existem dois tipos de frequência: a frequência *type*, que é um padrão particular, e frequência *token*, que é a ocorrência de uma unidade, seja uma palavra ou morfema, em um determinado *corpus* de análise. Em outras palavras, a frequência *type* está associada ao número de diferentes expressões que uma construção abstrata apresenta, enquanto a frequência *token* está relacionada à extensão de uso de um constructo pela comunidade linguística (o número de vezes que ele ocorre).

Por último, a terceira propriedade proposta por Traugott e Trousdale (2013) para analisar as formações construcionais é a composicionalidade. Ela se refere ao grau de transparência ou opacidade semântica entre a forma e o significado da construção. Quanto maior o grau de transparência semântica de uma microconstrução, mais o seu significado corresponderá ao significado de cada uma das partes da construção. Por outro lado, uma microconstrução opaca semanticamente é aquela cujo significado decorre do todo da construção e não da somatória das partes que compõem a construção.

## 2.2 Mudança construcional e construcionalização

A abordagem construcional proposta por Traugott e Trousdale (2013) introduz os conceitos de mudança construcional e construcionalização, que foram previamente mencionados, mas não suficientemente caracterizados. Apesar da semelhança nominal, esses conceitos apresentam uma diferença relevante: a incorporação ou não de uma nova construção. No caso da mudança construcional, de acordo com Goldberg (1995, 2006) e Traugott e Trousdale (2013), trata-se de uma alteração na dimensão interna de uma construção, que não envolve o surgimento de uma nova construção, mas sim uma modificação na forma ou no conteúdo da construção existente. Em contraste, a construcionalização refere-se ao aparecimento de um novo pareamento de forma e significado, resultando em uma nova construção que altera o grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Goldberg (1995, 2006) esclarece o conceito de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Como já foi dito, *esquematicidade* se refere à capacidade de abstração das construções pelos falantes, o que ocasiona um conhecimento não apenas dos elementos linguísticos específicos, mas também de vários esquemas abstratos da língua. Ou seja, o grau de esquematicidade determina a generalidade ou especificidade de uma construção. A *produtividade*, por

sua vez, está associada à emergência de novos pareamentos de forma e significado, estando relacionada à existência de esquemas construcionais que podem ser mais ou menos esquemáticos. Por fim, a *composicionalidade* representa o grau de transparência semântica da relação entre forma e significado, de preservação do poder de analisabilidade e contribuição ou não das partes da construção para a configuração do significado.

Traugott e Trousdale (2013) buscam explicar como as construções surgem e desaparecem. Segundo os autores, as mudanças construcionais, que afetam o rol de construções de uma língua, podem ocorrer por meio de neoanálises e analogização, que são dois mecanismos de mudança morfossintática e fonológica. Já na mudança semântica, os processos de metaforização e metonimização desempenham um papel crucial. Traugott e Dasher (2002) explicam que a metaforização é uma operação entre domínios conceituais importantes no processamento cognitivo da linguagem e na interação comunicativa, permitindo a compreensão de um conceito em termos de outro. Lakoff e Johnson (2002) ampliam o conceito de metáfora, sugerindo que novos conceitos surgem a partir de experiências de mundo e sociais.

Para dar um exemplo, os processos metafóricos envolvem a relação entre um domínio-fonte e um domínio-alvo, em que o domínio-fonte está relacionado às propriedades físicas e experiências concretas dos falantes, enquanto o domínio-alvo refere-se a conceitos mais abstratos. Um exemplo é a microconstrução intensificadora [[x] à reveria], na qual um domínio alvo mais abstrato é criado a partir do domínio de fontes concretas. Por exemplo, em “(1) ela gasta muito dinheiro”, é ilustrado que o sujeito (ela) gasta uma quantidade elevada de dinheiro que não é possível identificar devido ao nível de abstração. Transpondo o exemplo para um conceito metaforizado, envolvendo a ideia de uma ação que é realizada com maior ênfase, como em “(2) ela gasta dinheiro *à reveria*”, identificamos um nível de especificidade gerado pela intensificação. Embora ambas as expressões indiquem que um sujeito gasta muito dinheiro, a expressão (2) intensifica e metaforiza o gasto, sugerindo um valor muito mais elevado do que em (1).

### 2.3 Construções intensificadoras

O uso de comparações e intensificações quantitativas ou qualitativas é uma característica inerente ao ser humano, que recorre a conceptualizações básicas ou noções de quantidade, tamanho/dimensão, peso/força, localização, experiências biofísicas e psicoafetivas para expressar gradualmente o que se deseja comunicar. Esse fenômeno é discutido por Silva (2014), segundo o qual essas noções permitem ao falante gerar o sentido pretendido. Além dessas noções básicas, a projeção metafórica utiliza a quantidade ou intensidade como um recurso de gradação. Segundo Silva (2014), há uma transferência dos domínios mais concretos da quantidade para os domínios mais abstratos da intensidade.

Vejamos como a construção intensificadora ocorre em (3):

(3) se acusam e castigam os pregadores modernos *à reveria*. (16:FMMelo:Hospital)

Aqui, a microconstrução [[x] à reveria] modifica toda a oração [ato de se acusar e castigar os pregadores modernos com intensidade], proporcionando uma ideia de intensificação que transcende o comportamento tido como normal/esperado. A expressão adquire uma conotação mais negativa, indicando algo considerado como não muito agradável. No entanto, a microconstrução perde a transparência e seu significado literal, tornando-se mais abstrata e genérica, uma vez que não se refere ao ato de reverenciar, observar com honra, honrar, mas simplesmente intensifica a ideia de que os pregadores modernos são muito castigados.

O mesmo acontece em (4), cujo escopo é o estado-de-coisas como um todo:

(4) saímos de casa e enfrentamos policiais bombardeando *à reveria*. (19-G-BR diplomatique.org.br)

Em (4), a expressão [à reveria] incide sobre o estado-de-coisas [enfrentar os policiais bombardeando] como um todo: nesse caso, o objetivo do falante é justamente enfatizar a ideia do que estava acontecendo naquela dada situação, ou seja, havia muitos policiais na rua bombardeando as pessoas de forma exagerada. O contexto expresso na oração poderia ser parafraseado da seguinte forma: *enfrentamos muito/bastante essa situação*, o que reforça a tese de que a microconstrução [à reveria] ganha outro estatuto semântico, menos composicional, passando a atuar, portanto, como construção intensificadora (de natureza mais abstrata).

Logo, tanto em (3) quanto em (4), a microconstrução transita de um domínio concreto para um domínio mais abstrato, relacionado ao grau de intensidade. Silva (2008) define o grau de intensidade como um processo semântico-discursivo em que submete a intensidade de forma gradual (no sentido de acréscimo ou decréscimo) em uma determinada noção, que, no geral, é mais abstrata. Esse fenômeno emerge na língua por meio da interação verbal, elevando a concepção da palavra para um nível além do significado normal ou considerado básico, o que evidencia a motivação do falante para utilizar uma microconstrução perifrástica no lugar de uma construção simples, a fim de garantir o grau de intensificação desejado.

### 3 Corpus e procedimentos metodológicos

O universo de investigação da pesquisa é composto por duas subamostras do *Corpus do Português* (Davies e Ferreira, 2016), quais sejam: (i) a subamostra *Gênero/Histórico*, com 45 milhões de palavras, que inclui textos do português brasileiro e do português europeu; (ii) a subamostra *Now*, com 1 bilhão e 100 mil palavras, que inclui textos atualizados da internet oriundos de revistas e jornais publicados em português em quatro países (dos anos 2012 a 2019): Brasil, Portugal, Angola e Moçambique; (iii) o banco universal de dados do *Google*, que permite filtrar ocorrências do fato linguístico em uma única variedade do português (brasileiro).

As ocorrências coletadas nas subamostras do *corpus* foram analisadas de acordo com os seguintes parâmetros formais e funcionais de análise: (i) Grau de produtividade

do subesquema construcional [[X] Prep N] que instancia a microconstrução [[X] à reveria]; (ii) Grau de composicionalidade da microconstrução intensificadora [[X] à reveria] em seu processo de formação; (iii) Valor semântico-pragmático veiculado pela construção intensificadora: positivo (valorativo) ou negativo (depreciativo); (iv) Tipo de elemento modificado pela microconstrução intensificadora [[X] à reveria]: verbo, advérbio, adjetivo ou estado-de-coisas; (v) Gênero textual; (vi) Tipo de Subamostra (*Gênero/Histórico, Now e Google*).

Defendemos como hipótese principal a tese de que a microconstrução [à reveria] emerge no português a partir de um processo de metaforização/metonimização que se estabelece entre o domínio mais concreto (honraria/reverência) e o domínio abstrato (intensificação).

#### 4 Análise e resultados

A escolha da microconstrução [[x] à reveria] como objeto de estudo se justifica pela lacuna existente nas motivações funcionais e formais que legitimam a escolha do falante ao utilizar essa microconstrução intensificadora no lugar de uma microconstrução simples. Essa escolha do falante pode ser relacionada com o significado etimológico do termo “reveria”, definido como “homenagem, honra, em reverência a”, como em:

(5) “Discursou *à reveria* do ministro”, ou seja, “discursou em honra, em homenagem ao ministro” (Dicionário Aulete Digital, 2022).

No exemplo (5), observamos que a microconstrução [[x] à reveria] é usada no lugar de “homenagem” e “honra”, logo o questionamento que surge é: teria sido esse um possível contexto morfossintático que teria favorecido a formação da microconstrução intensificadora [à reveria]? Como a ideia de reverência poderia, em termos cognitivos, ser projetada para um contexto mais abstrato de intensidade? Ao que tudo indica, a noção de reverência ou honraria inclui também a ideia de respeito ou cumprimento de forma exacerbada, o que talvez poderia explicar o processo de projeção metafórica entre o domínio mais concreto de “reverência” e o domínio mais abstrato de intensidade, que emerge da ideia de quantificação de uma ação.

Em linhas gerais, podemos identificar que a microconstrução [[x] à reveria] é utilizada como uma possível projeção metafórica do contexto etimológico da palavra, ou seja, em que “reveria” origina do verbo *rever*, observar com reverência algo ou alguém importante/superior. Logo, a expressão passa a ser utilizada como uma forma de reverência ou honra, a que podemos associar a elementos intensificados de forma quantitativa ou qualitativa.

No que se refere ao sentido de se fazer uma reverência a alguém, ou observar com reverência, podemos associar esse evento a um grau de importância ou valor, um grau de intensificação. Essas associações somadas ao uso contínuo na língua pelos falantes levaram a sua projeção metafórica, de modo a predominar o uso desse sentido mais opaco, ou seja, a microconstrução deixa de ter seu real significado relacionado a

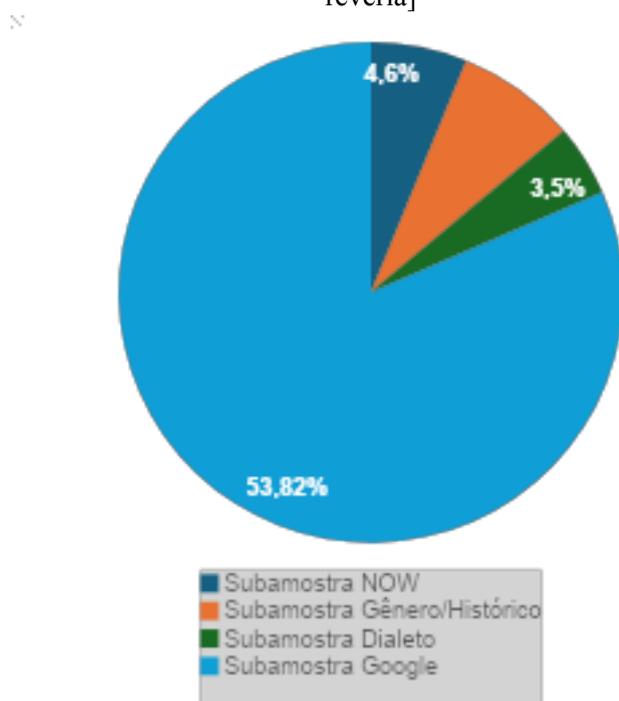
homenagem, honra e em reverência a algo, para emergir um significado mais metafórico, como o sentido “exagerado” ou “intensificado” trazido pela ação de reverenciar, exaltar algo ou alguma coisa, dando um sentido metafórico de abundância e exagero. Ou seja, um sentido menos transparente, relacionado à intensificação, isso devido às mudanças e influências geradas pelos falantes, aos contextos de uso, às necessidades de transmitir o real significado.

É importante ressaltar que a microconstrução é instanciada pelo subesquema [[X] Prep N], que é bastante produtivo no português brasileiro, instanciando várias construções na língua, tais como: [pra cachorro], [pra caramba], [pra cacete], [pra caralho], [pra burro], [pra chuchu], [pra porra], dentre outras. Assim, o que justifica o uso de uma outra construção na esfera comunicativa é a intenção comunicativa do falante, que, a depender do sentido desejado por ele, escolhe entre o rol de construções disponíveis aquela que melhor atende aos seus propósitos. Nota-se, por exemplo, que a microconstrução [à reveria] tende a ser usada, na maioria dos casos, para modificar de forma intensificada um estado-de-coisas (oração), ao passo que outras construções podem modificar verbos, adjetivos e outros advérbios.

A emergência desse novo pareamento de forma e significado na língua é definido como um caso de gramaticalização ocasionado pelo subesquema construcional [[x] prep + N], uma vez que o seu papel é estabelecer uma relação funcional entre uma estrutura que atua como modificadora e outra estrutura que é modificada por essa estrutura. Além disso, verifica-se que a formação dessa expressão envolve algumas construções, que são instanciadas pelo mesmo subesquema, mas que se diferenciam em termos de composicionalidade: uma microconstrução de reverenciamento (mais composicional), de quantificação (mais ou menos composicional) e de intensificação (definida como menos composicional, em razão de o significado ser mais opaco). Conforme já elucidado e demonstrado no tópico “3.1 Formações construcionais”, podemos observar que o processo de criação de novas microconstruções ocorrem por meio de uma hierarquização, no qual um esquema pode dar origem a outro subesquema, que, por sua vez, pode instanciar várias microconstruções, como é o caso do subesquema [[X] Prep N], que originou [[x] à reveria].

Em relação aos dados coletados (65 ocorrências), o gráfico 1 mostra a distribuição quantitativa no tocante às subamostras utilizadas: a subamostra composta pelo acervo *Google* (53 ocorrências) e as subamostra do *Corpus do Português* (Davies e Ferreira, 2016). Vale lembrar que o *Corpus do Português* é constituído por diferentes subamostras: (i) a subamostra *Gênero/Histórico* (5 ocorrências); (ii) a subamostra *Web/Dialetos* (3 ocorrências); (iii) a subamostra *Now* (4 ocorrências), conforme demonstrado no gráfico a seguir:

Gráfico 1 — Tipo de subamostra em que ocorre a microconstrução intensificadora [[x] à reveria]

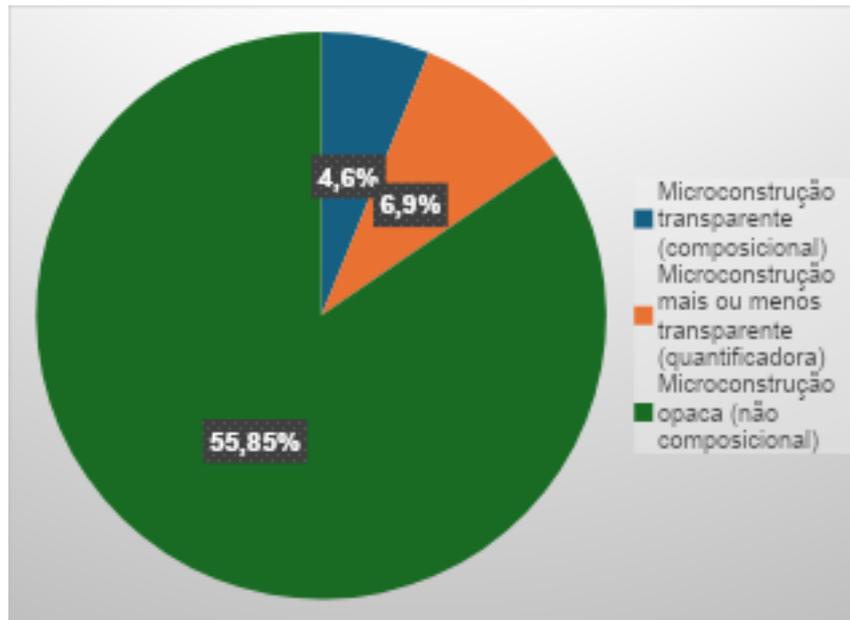


Fonte: Criação própria.

Como podemos observar no gráfico 1 acima, o maior número de ocorrências da microconstrução [à reveria] foi identificado no recorte efetuado no acervo do *Google* (53/81,5% dos dados), que conta com uma infinidade de textos e esferas comunicativas em português brasileiro (com ferramentas que permitem o mapeamento e a filtragem de dados por padrões e variedades linguísticas). Por se tratar de uma microconstrução, que não é muito produtiva e parece estar associada a alguns estratos específicos de comunicação, é considerada baixa a sua frequência nas subamostras do *Corpus do Português* (Davies e Ferreira, 2016). Além do fato de ela se comportar de forma semelhante a uma construção inovadora (somente um estudo diacrônico mais robusto poderá comprovar essa hipótese), parece que esse tipo de microconstrução tende a ocorrer com maior frequência em sites comuns, redes sociais, matérias de jornais, notícias, publicações de indivíduos em redes sociais pessoais ou em diálogos no dia a dia. As subamostras do *Corpus do Português* não contemplam essa variedade de textos.

Entre as 65 microconstruções encontradas no universo de investigação, verificamos que 55 delas são consideradas opacas (menos transparentes), o que confirma a hipótese de que o valor intensificador dessa microconstrução envolve um processo de abstratização de valores mais concretos. Em outras palavras, o valor mais concreto de reverência (mais composicional, mais transparente) está certamente na base cognitiva de formação do significado de intensificação (menos composicional, mais opaco). Seguem os números do gráfico 2:

Gráfico 2 — Grau de composicionalidade da microconstrução intensificadora [[x] à reveria]



Fonte: Criação própria.

Em complementação ao gráfico acima (2), os exemplos abaixo ilustram os usos de [à reveria] com sentido transparente, mais ou menos transparente e opaco:

- (6) Ao entrar na antiga catedral, ele **reveria** os ícones sagrados com o respeito e a devoção de quem ali buscava uma ligação com o divino. (Google) [**Mais composicional/microconstrução transparente**]
- (7) Veículos **à reveria**, principalmente das décadas de 60, 70 e 80. (<https://acesse.dev/vBa4u>) [**Mais ou menos composicional/quantificação**]
- (8) [eles] como ficam falando **à reveria** (16:Lobo:Aldeia) [**Menos composicional**]

Em (6), o sentido veiculado pela oração se refere ao sentido literal da palavra: de olhar novamente, ou ver de novo, com respeito objetos sagrados, logo, se trata de uma oração cujo sentido é representado pela transparência, ou seja, o real significado do verbo “rever”, sem projeções e alterações no campo semântico. Já no exemplo (7), podemos observar uma construção cujo sentido é modificado pela intensificação da quantidade de veículos, um substantivo, o que nos demonstra se tratar de uma microconstrução de sentido mais ou menos composicional, que emerge com um sentido quantificador. Por fim, em (8), é possível identificar a projeção metafórica gerada pela microconstrução sobre o verbo *falar*, de modo a expressar uma intensificação na ação gerada pelo sujeito (eles), representando uma microconstrução opaca, ou seja, menos composicional.

Os dados acima nos indicam que a microconstrução [[x] à reveria], quando incidida sobre um substantivo (7), emerge um sentido quantitativo, entretanto, quando ocorre a incidência da microconstrução sobre um verbo (8), o sentido passa a ser qualitativo, e, conseqüentemente, possui um menor grau de composicionalidade.

Ao falar em microconstruções quantificadoras, podemos observar que essas geralmente atuam sobre os nomes (substantivos), quantificando a entidade designada por ele, de modo a torná-la uma microconstrução mais ou menos composicional. Durante as buscas realizadas, foram encontradas 22 ocorrências (33,8%) em que a microconstrução não atuava sobre nomes (substantivos), ficando os casos de intensificação atrelados às categorias de verbo e oração. Nesse caso, os casos de [à reveria] que operam sobre verbos somam 31 ocorrências, resultando na possível hipótese de que microconstrução se torna menos composicional (mais abstrata), e, conseqüentemente, diferente da construção quantificadora, que opera apenas sobre nomes.

A ocorrência abaixo ilustra um caso em que [à reveria] atua sobre um verbo:

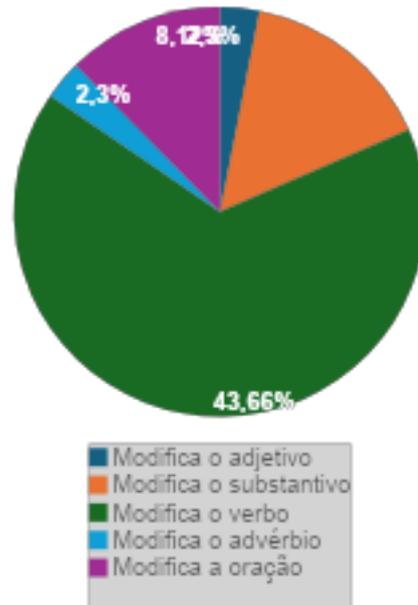
(9) [eles] como ficam falando **à reveria** (16:Lobo:Aldeia)

Em (9), a construção [à reveria] incide sobre o verbo “falar”, modificando o seu estatuto semântico: ou seja, as pessoas falam demasiadamente. Nota-se, nesse caso, um processo de opacidade semântica, pois o significado da construção [à reveria] se distancia bastante do valor de reverência, considerado mais concreto, embora guarde alguma relação com essa base.

Em relação ao estatuto do elemento modificado [adjetivos, advérbios e orações], constata-se que a microconstrução [à reveria], como já antecipado, tende a ser usada para escopar verbos e orações (estado-de-coisas). Não é um tipo de construção que serve para intensificar características físicas/psicológicas (de adjetivos) ou o modo de advérbios. É nesse contexto, como dito anteriormente, que as construções intensificadoras se diferenciam uma das outras. Os dados do gráfico 3 mostram a quantificação dos dados:

Gráfico 3 — Item modificado pela microconstrução intensificadora [[x] à reveria]

N



Fonte: Criação própria.

Para ilustrar os números do gráfico acima, listamos a seguir alguns exemplos, extraídos do *Google* e do *Corpus do Português* (Davies e Ferreira, 2016):

(10) [...] donde com sobeja austeridade, se acusam e castigam os pregadores modernos à reveria. (16:FMMelo:Hospital)”

(11) [...] saímos de casa e enfrentamos policiais bombardeando à reveria (19-G-BRdiplomatie.org.br)

(12) Ele canta mal à reveria (<https://www.tiktok.com>)

(13) Quem diria, quem diria

Laptop no colo à luz de velas

Copos sós à reveria

A Noite

O Gato (<https://acesse.one/kEB7R>)

(14) Veículos à reveria, principalmente das décadas de 60, 70 e 80. (<https://acesse.dev/vBa4u>)

Em (10), a microconstrução [[x] à reveria] recai sobre toda a oração, de modo que o objetivo do falante é destacar que os atos de acusação e castigo ocorrem bastante, com certa frequência, o que, de certa forma, até indicaria uma relação dessa construção de intensificação com a noção de aspecto iterativo. Em (11), a intensificação incide novamente sobre uma oração (que designa um estado-de-coisas), já que o propósito do falante é mostrar que as ações de policiais de bombardeamento em certos pontos da cidade têm ocorrido bastante. No caso do exemplo (12), a microconstrução incide sobre o advérbio “mal”, com o intuito de reforçar a péssima habilidade de cantar de alguém. Em (13), apesar de ser pouco recorrente, a expressão [à reveria] incide sobre o adjetivo “sós”, intensificado o ambiente solitário em que a pessoa se encontra. Em (14), observamos que a expressão [à reveria] incide sobre o substantivo “veículos”,

quantificando o número de veículos de época presentes em uma exposição de carros usados, e por isso é caracterizada como uma microconstrução quantificadora.

Em relação ao valor veiculado ou enfatizado pela microconstrução [à reveria], podemos observar que, apesar dos resultados próximos, predomina um sentido intensificado de forma negativa, ou seja, das 65 ocorrências encontradas nos materiais de investigação (*corpora* utilizados), as microconstruções foram utilizadas com um sentido negativo em 32 delas. O gráfico abaixo aponta os resultados encontrados:

Gráfico 4 — Valor semântico-pragmático veiculado pela microconstrução intensificadora [[x] à reveria]



Fonte: Criação própria.

Como demonstrado no gráfico acima, a microconstrução [à reveria] pode ser utilizada pelo falante para destacar tanto um aspecto positivo quanto um aspecto negativo (maioria dos casos). Apesar de predominar o sentido negativo, essa construção é utilizada também no sentido positivo, porém, pouco encontrado quando não há de fato uma intensificação. Isso mostra que uma das justificativas para o uso recorrente de construções intensificadoras é suprir a lacuna de palavras ou microconstruções simples, que não exprimem o real significado pressuposto pelo falante, de modo que apenas esse uso não é suficiente para qualificar ou expressar o grau intensivo da oração ou daquilo que pretende ser dito. Ao utilizar uma microconstrução intensificadora complexa, o sentido expresso por ela passa a ser mais intensificado e conseqüentemente compreendido de uma melhor forma.

Vejamos as ocorrências extraídas do *Corpus* utilizado:

(15) me dizem se foi para Macedônia, e não é bem julgar **à reveria**  
(16:FMMelo:Apolo)

(16) me ajude a parecer agradecido a N., porque, sem eu lhe merecer, me favorece **à reveria**. (16:FMMelo:Portel)

No exemplo (15), é possível identificar que a microconstrução intensificadora [[x] à reveria] emana um sentido negativo à oração (de julgamento), uma vez que intensifica o ato de julgar, que pode ser entendido como algo ruim, negativo, e que pode também ser associado a uma ideia, ainda que distante, do termo jurídico “à revelia”, de valor negativo, uma vez que ocorre quando o réu não contesta as alegações apresentadas contra ele. Já no exemplo (16) percebemos que a intensificação ocorre de modo positivo, levando em consideração a incidência sobre o verbo favorecer, o qual permite uma suposição de que seja bom.

A pesquisa realizada no *Corpus do Português* (Davies e Ferreira, 2016) e no recorte efetuado na plataforma do Google mostra um total de 65 microconstruções utilizadas por falantes do português brasileiro, sendo que cinco dessas microconstruções foram utilizadas pertencem a uma sincronia mais antiga (século XVII), não tendo sido identificada nos séculos XVIII e XIX, o que pode ser um reflexo do tipo de material do *Corpus*. Enquanto os outros 70 usos foram encontrados em um recorte sincrônico atual, do século XXI. Essa informação demonstra que se trata de uma microconstrução antiga na língua, tendo se tornado mais frequente nas sincronias atuais (séculos XX e XXI), o que contraria a sugestão anterior de que essa construção apresenta um comportamento que se aproxima ao de uma construção recente.

Gráfico 5 — Gênero textual em que ocorre a microconstrução intensificadora [[x] à reveria]



Fonte: Criação própria.

Por fim, no caso do gráfico 5 acima, podemos observar que, apesar de encontrarmos uma elevada quantidade de ocorrências presentes em gênero oral (17 ocorrências), o uso da microconstrução predomina em gênero de notícia ou matéria de jornal, com 43 ocorrências. Essa informação confirma a tendência dos dados mais atuais, que também apontam para uma frequência considerável tanto em contextos mais

formais (matérias e noticiários) quanto em situações mais informais de comunicação, tais como interações cotidianas e fóruns.

### Considerações finais

Com o desenvolvimento da pesquisa, foi possível identificar o processo de formação da microconstrução intensificadora [[x] à reveria] no português brasileiro, bem como a hipótese que a fundamenta e justifica o seu uso. Essa hipótese sugere que a utilização da microconstrução em questão está associada à projeção metafórica do contexto de reverência ligado à palavra “*reveria*” [de rever algo com atenção, respeito, reverência, etc.) para um domínio mais abstrato [de intensificação]. A expressão “*reveria*” pode estar vinculada ao ato de rever com um grau elevado de observância, reverenciando algo ou alguém, isto é, observando com extrema atenção devido à importância, honra e relevância atribuídas ao objeto ou à pessoa em questão.

Observa-se que o subesquema [[X] Prep N] permite uma alta produtividade, ou seja, uma taxa consideravelmente elevada de criação de novas construções a partir de um esquema já estabelecido no português brasileiro. Esse esquema segue a mesma ordem encontrada em outras microconstruções, como: [[x] à beça], [[x] pra caramba], [[x] pra caralho], [[x] a rodo]. A fórmula indica que um elemento [x] é modificado por uma estrutura composta por uma proposição, que pode ser “pra”, “a”. Como vimos, o elemento representado pelo *slot* [x] pode ser um adjetivo, um verbo, um advérbio, uma oração e até um substantivo. Quando esse tipo de construção escopa um substantivo, tem-se aí um caso de quantificação.

No caso das microconstruções exemplificadas, como [[x] à reveria], instanciadas pelo subesquema construcional [[X] Prep N], a estrutura morfossintática já está devidamente consolidada, uma vez que os dados mostram que elas não permitem a inserção de elementos adicionais no interior de sua estrutura, o que indica que elas são reconhecidas pelos falantes como conglomerados que possuem um significado específico na língua.

Quanto ao valor de intensificação associado à construção [[x] à reveria] no português brasileiro, identificou-se que, embora não de forma absoluta, há uma predominância considerável (49,2% das ocorrências) da incidência de um sentido negativo nas orações. No entanto, elas também podem ser usadas para enfatizar algum aspecto positivo de algo.

Outro fator relevante a ser considerado é o tipo de elemento que é modificado pela microconstrução [[x] à reveria] no português brasileiro. De acordo com os resultados obtidos, observa-se que, em 47,7% das ocorrências, a modificação se dá sobre o verbo. Em outras palavras, a microconstrução intensifica e modifica uma ação, como ilustrado no exemplo a seguir: “e não é bem julgar *à reveria*”. Nesse caso, a microconstrução intensifica e altera o verbo “julgar”, transmitindo o sentido de que julgar em excesso não seria adequado. Além dos verbos, foram identificadas modificações em substantivos em 22 ocorrências, o que representa 33,8% dos casos. Isso indica que a intensificação também ocorre com frequência quando a microconstrução incide sobre um substantivo, como exemplificado na frase “sacolas de

danone *à reveria*”. Ness contexto, a microconstrução sugere que as sacolas continham uma quantidade substancial de danones, ou seja, uma quantidade elevada. Nesse caso, como já foi discutido, o que se tem é quantificação e não intensificação. Isso mostra que esse critério é extremamente importante para diferenciar duas categorias nas línguas: quantidade e intensidade.

Ao comparar a incidência da microconstrução em verbos e substantivos, observa-se que, quando aplicada a substantivos, resulta em uma quantificação, ou seja, o valor expresso está relacionado a quantidades e admite uma quantificação numérica. Em contraste, quando a microconstrução incide sobre verbos, o efeito é uma intensificação metafórica, que transcende a possibilidade de quantificação, uma vez que ultrapassa uma escala de gradação.

A pesquisa revelou, por meio da análise das ocorrências, que o uso das microconstruções intensificadoras no português brasileiro representa um fenômeno linguístico produtivo em sincronias atuais, mas elas podem se formar e constituir em sincronias pretéritas. Há construções intensificadoras que são inovadoras e outras que são mais antigas, mas só se tornam frequentes em sincronias atuais. Além disso, os dados indicam que o uso dessas microconstruções, em especial [à reveria], é mais frequente em contextos de diálogo, predominando no gênero oral da língua e em conversas informais do cotidiano e que tais construções são empregadas para elevar o grau de intensidade do que se pretende expressar.

Por fim, quanto ao valor de intensificação da construção [à reveria], observou-se que se trata de uma construção que perdeu sua composicionalidade original, resultando em um sentido mais metafórico e menos literal. Essa opacidade semântica resulta da perda do significado denotativo e dicionarizado da expressão [de observar algo com atenção, respeito, reverência], cuja ideia de exacerbação presente no ato de reverencial algo/alguém passa a ser reinterpretada metaforicamente como intensidade. Não se trata, pois, de uma operação cognitiva simples.

### Como citar este artigo?

PAPALARDO, V. O processo de formação da microconstrução intensificadora [[x] à reveria] no português brasileiro. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 23, n. 1, p. 44–64, 2024.

### Referências

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CROFT, T. W. *Radical Construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fronteira, 1985.

PAPALARDO, V.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 1300s-1900s* [internet]. Provo, Utah: U.S. National Endowment for the Humanities, 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 11 maio 2025.

ENGHELS, R.; ROELS, L. Age-based variation and patterns of recent language change: A case-study of morphological and lexical intensifiers in Spanish. *Journal of Pragmatics*, v. 170, p. 125–138, 2020.

ENGHELS, R.; ROELS, L. Mazo (de) y otros recursos de intensificación en el lenguaje juvenil madrileño: factores lingüísticos y sociales. *Moderna Språk*, v. 111, n. 2, p. 45–61, 2017.

FERRARI, L. Construções gramaticais e laços de polissemia: as extensões metafóricas de comunicação verbal. *Revista Linguística*, v. 12, p. 102–113, 2016.

FILLMORE, J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. Regularity and idiomacity in grammatical constructions. *Language*, v. 64, p. 501–538, 1988.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: OUP, 2006.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: UCP, The University of Chicago Press, 1995.

HEINE, B. Grammaticalization as an exploratory parameter. In: PAGLIUCA, W. (ed.). *Perspectives on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 255–287.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. I.

LIMA-HERNANDES, M. C. Perífrases elativas de função intensificadora. *Encontro Anual da ANPOLL*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 9–10 dez. 2009. p. 1–19.

MOTA, N. A.; VIEIRA, M. S. M. A construção de intensificação com lexemas de cor no português brasileiro. *Revista Linguística*, v. 16, n. 2, p. 50–68, 2020.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. M. As relações entre ciência linguística, uso linguístico e as noções de “certo” e “errado”. In: Neves, M. H. M. *Que gramática estudar na escola?* São Paulo: Contexto, 2011. p. 49–63.

PAULA, V. B. *A construcionalização de grau intensivo [[p(a)ra lá de] [x]] no português*. 2021. 136 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA MICROCONSTRUÇÃO INTENSIFICADORA [[X] À REVERIA] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. *In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (org.). Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2015. p. 22–34.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. *In: ORTONY, A. (ed.). Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 164-201.

SCALDELAI, A. L. *Um estudo cognitivo-funcional das construções intensificadoras no português brasileiro*. Relatório Final de Iniciação Científica. São José do Rio Preto: UNESP/FAPESP, 2017.

SILVA, J. R. A intensificação numa perspectiva funcional. *Odisseia*, v. 1, p. 1–18, 2008.

SILVA, J. R. Aspectos mórficos e semântico-pragmáticos do grau. *In: SILVA, J. R.; MARTINS, M. A. (org.). Gramática e ensino*. Natal: EDUFRN, 2013. p. 117–144.

SILVA, J. R. Aspectos semântico-cognitivos da intensificação. *Gragoatá*, v. 11, n. 21, p. 201–218, 2006.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional changes*. Oxford: OUP, 2013.